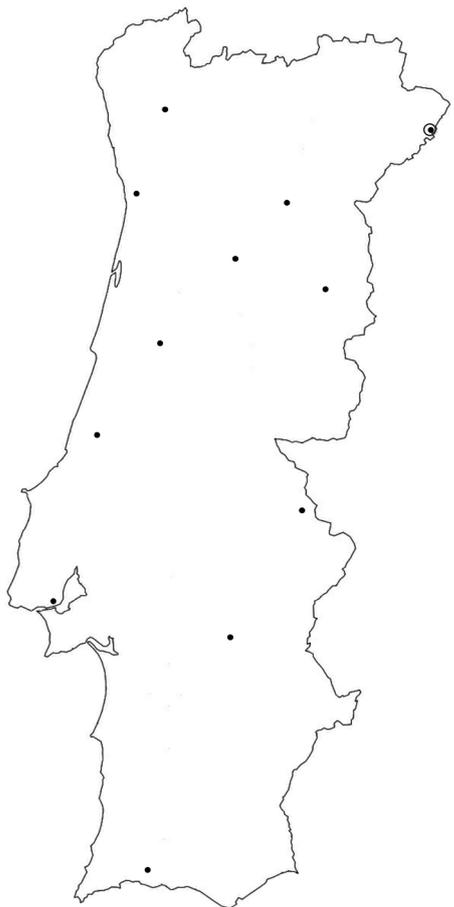


Capítulo 1
Sé de Miranda do Douro



1. Localização da sede diocesana de Miranda do Douro.

1.1 - HISTÓRIA

No princípio do século XVI, era difícil para o arcebispo de Braga uma boa administração do território sob sua jurisdição, que englobava toda a área a norte do rio Douro. O arcebispado era muito extenso, existindo apenas uma colegiada em Torre de Moncorvo e vicariados em Miranda do Douro e Azinhoso. Aliando este quadro ao facto de Miranda ser praça-forte contra Castela, D. João III (r. 1521-1557), em 16 de Fevereiro de 1545²⁵, solicita ao Papa a separação da arquidiocese de Braga.

Em resposta ao pedido régio, o Papa Paulo III (p.1539-1549) através da bula *Pro Excellentí Apostolice Sedis* de 22 de Maio de 1545, eleva Miranda do Douro a cidade, cria a diocese e erige a igreja paroquial de Santa Maria Maior (mandada construir por D. Dinis entre 1286 e 1292) em Sé²⁶. No mesmo ano, a 10 de Julho, D. João III confirma por carta régia a elevação a cidade prevista pelo Papa, concedendo-lhe os respectivos privilégios e liberdades.

Ainda no documento papal refere-se que a catedral deveria ficar com “a mesma invocação, para um bispo que governe a mesma igreja, lhe amplie os edifícios e dê forma de igreja catedral”. Deste modo, uma vez que o templo de Santa Maria era demasiado pequeno para servir como catedral, a construção da nova Sé tornou-se a principal preocupação do recém-chegado bispo após a organização da diocese.

D. Turíbio Lopes (b. 1545-1560), de origem castelhana, veio para Portugal no séquito de D. Catarina e foi o bispo eleito para a nova diocese, encarregando-se de a organizar e em finais de 1547 de dar início ao processo de projecto e construção da nova catedral. Este processo encontra-se relativamente bem documentado, em virtude da correspondência entre o prelado e o rei, publicada por Sousa Viterbo²⁷.

O primeiro registo relevante para o esclarecimento da construção transmontana remonta à carta de 15 de Dezembro de 1547, segundo a qual D. Turíbio Lopes afirma que Gonçalo de Torralva lhe levou o *debuxo e apontamentos* da obra, *cordeou e abalizou* o terreno

25 RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, Vol.1, p. 16.

26 ALMEIDA, Fortunato de – *História da igreja em Portugal*. Porto, 1968, Vol. 4, p.230. Concorriam ainda a sede diocesana Bragança e Torre de Moncorvo. A escolha de Miranda, fez-se também como forma de evitar a renovação do poder dos duques de Bragança, sendo que esta cidade perdeu a confiança régia após a revolta do Duque D. Fernando II contra D. João II.

27 Cartas de D. Turíbio in VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol.3, pp.134-137.

por duas vezes sob o olhar dos presentes e *a todos pareceu bem*. O bispo mostra acordo com o projecto e a opinião de Torralva, segundo a qual a capela-mor ficaria quase a sul para que o terreiro fosse grandioso, evitando o derrube das casas principais²⁸.

Aparentemente, o estado do projecto já comportava alçados, uma vez que, nas palavras do bispo, “por ser esta terra fria parece imcōveniente aver tantas janellas, porem mas fria he Salamãca, Burgos e Medina, e per yso a vydraças”. Refere ainda o bispo que, para algumas pessoas, a igreja poderia fazer-se mais pequena sem ir contra a ordem do debuxo, esperando ele, no entanto, que se fizesse do tamanho projectado, a crer no crescimento previsto para a cidade.

A análise da missiva permite detectar grande cuidado com implantação da catedral na malha urbana, a conformação do seu largo e a direcção da fachada para as portas da cidade. O bispo destaca a competência de Gonçalo de Torralva e a figura do rei de quem diz ser “*planta de suas manos e com seu favor e ajuda se ade fazer e por em perfeção*”.

O empenho régio traduziu-se, em 1546, na anexação do Mosteiro de Castro de Avelãs e respectivas rendas ao cabido de Miranda²⁹, o que permitia suportar grande parte das despesas da fábrica da Sé. No entanto, a construção não começou, não havendo registo de que Gonçalo de Torralva tivesse voltado à cidade. Em 1548 e 1549, novas cartas dão conta da insistência do prelado com o monarca para que *a obra vaya adiante*, pelo que só faltava mesmo ordem real para avançarem os trabalhos.

Nas cartas de 1548³⁰, o nome de Jorge Gomes, descrito como homem de bem, servidor e fiel, parece vir substituir o de Torralva, uma vez que o bispo comunica que ele “he o portador que saberá muy bem dar cota de todo o deca e especialmente das achegas pêra a obra da Se, de que leva apontamentos”³¹.

A 31 de Maio de 1549, não começando a obra, e com receio de que esta não se fizesse, o prelado envia nova missiva por D. Julião d’Alva, que haveria de ser mais tarde bispo de Portalegre (1549-1560) e Miranda (1560-1564). D. Turíbio Lopes recua na intenção de construir um projecto que considerava agora demasiado sumptuoso para a Sé e cidade nesses tempos, por falta de dinheiro, reforçando que “*bastara fazer hua see tã grande e tam lustrosa*

28 *Ibidem*, p. 134. Na carta o bispo menciona ainda que, para esclarecer e convencer o rei sobre esta situação, Torralva terá levado um levantamento da cidade para a corte. D. Turíbio elogia o mestre-de-obras, dizendo parecer homem manso, em bom juízo e entendimento, tendo feito tudo com “muita diligência”.

29 Situação ordenada pelo Papa Paulo III, na bula *Decet Romanum Pontificem*, de 22 de Maio de 1545. ALMEIDA, Fortunato de – *História da igreja em Portugal*. Porto, 1968, Vol. 3, p.15.

30 Na carta de 18 de Março de 1548, D. Turíbio dá conta da chegada de “Jorge Gomes com os mestres de pedra e cal e cavouqueiros” que constataram haver granito e aparelho para a cal em quantidade e qualidade. Na carta de 28 de Agosto do mesmo ano afirma também haver dinheiro para que a obra cresça e acabe rapidamente.

31 Sobre Jorge Gomes ver VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol.1, pp.433-434.

como a see de Évora, que vay asaz encarecida, fazendose pelo estilo comum de outras sees e cidades antigas”³².

Juntamente com a carta, envia também uma planta mais simples que mandou desenhar em alternativa ao projecto régio, e que encarregou D. Julião de explicar na corte. O debuxo traçado remetia para uma igreja de três naves aproveitando a torre e a igreja antiga de Santa Maria que, acrescentada de alguns elementos, passaria de igreja paroquial *mui desolada a catedral*. Diz na carta que D. João III, habituado que estava a obras grandiosas, há-de *zombar a rir* do debuxo “que vay feito per mãos mui grosseiras e empotadas de trazer ho piquo e escoda nella”. No entanto, o responsável pela diocese, sugere ao rei que tome conhecimento das “obras das sees mui antigas e a perguntar pella see que aguora serve em Salamanca e em outras cidades de Castella, e parecerlhea que sobeja esta pera aqui”³³.

Este escrito revela-se de grande importância por anunciar a mudança de opinião do prelado e a necessidade de adequar o projecto às novas circunstâncias. D. Turíbio Lopes afirma que a catedral se deveria fazer semelhante às antigas sés nacionais, apelando a uma ideia de tradição que de algum modo estará implícita na construção final. Por outro lado, referencia a Sé de Évora e a velha catedral românica de Salamanca, a que à época servia ao culto, como exemplos mais sumptuosos do que o necessário para a recém cidade.

Os trabalhos da catedral, contudo, continuaram parados, de modo que o bispo, num último esforço, viajou para Lisboa em 1550, onde permaneceu até 1552. Aí terá falado com o monarca, Miguel de Arruda - *Mestre das obras da fortificação do Reino, Lugares d’Além e Índia*, e outros mestres e pessoas influentes. Assim, as cartas do prelado em 1552 são endereçadas ao cabido de Miranda do Douro: a primeira anunciando a ida do aparelhador à cidade, a segunda falando dos seus esforços na capital para enviar mestres à obra³⁴. Estaria pronto a regressar à sua diocese em Janeiro mas, entretanto detido na corte, não chegou a assistir ao lançamento e à bênção primeira pedra do templo.

Na sequência dos esforços de D. Turíbio, a primeira pedra da obra foi lançada a 24 de Maio de 1552, presidindo à bênção Dr. Gaspar David (vigário geral) e o Cónego Manuel de

1552

32 VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol. 3, p.136.

33 Cartas de D. Turíbio. In VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988. Vol. 3, pp. 134-137.

34 Cartas datadas de 13 e 29 de Abril de 1552; MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 2, pp. 5-7.

Gouveia (chante da Sé), sendo o altar assinalado com dois cruzados³⁵.

Com base nas informações do bispo, na cada vez menor disponibilidade monetária e nas reuniões que decorreram na corte entre prelado e arquitectos, é provável que o projecto final enviado para obra (1552) diferisse do *sumptuoso* plano que Gonçalo de Torralva levava na sua visita a Miranda (1547). Contudo, não é possível afirmar com absoluta certeza em que consistiam as possíveis mudanças ao plano (a existirem), nem a sua autoria, por mais envolvido que seja o nome de Arruda.

Se Torralva³⁶ foi quem se deslocou à cidade, levando debuxos e apontamentos e chegando ao ponto de “cordear e balizar” a obra (1547), a verdade é que não mais o seu nome volta a aparecer no processo conhecido. Já Miguel de Arruda reuniu-se com o bispo para discutir a planta (1550-52) imediatamente antes de ser lançada a 1ª pedra, como reza a carta datada de 29 de Abril de 1552: “depois de chegar a Lisboa faley a El Rey Nosso Senhor e a Miguel da Ruda e Sua Alteza me mandou que de sua parte escrevesse aos ditos mestres aqui para falar com Miguel da Ruda e praticarem na dita obra onde estiveram muitos dias.”³⁷

Com o decorrer das obras surge noticiada a actividade de mestres e construtores, dos quais se destaca Pêro de la Faya, a quem foi primeiramente entregue a empreitada por contrato em 1552. A ele D. Turíbio Lopes deu indicação de se fazerem alicerces fundos e largos. Este construtor ter-se-á mantido no cargo até 1560, ano em que se verificam duas cartas de privilégios³⁸ passadas por D. Catarina ao castelhano Francisco Velásquez (f. 1576), referindo-se a este como novo mestre-de-obras da Sé. Esta mudança deveu-se provavelmente ao convite de D. Julião de Alva, que nesse ano se transferiu da diocese de Portalegre para a transmontana.

D. Julião, igualmente castelhano, viera para Portugal com D. Turíbio na comitiva de D.

35 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, p.83. O autor refere também que foram “benzidos todos os alicerces pelo chantre da catedral”, fazendo supor que à data já estaria fixada a implantação da obra no terreno.

36 Gonçalo seria possivelmente o irmão mais novo de Diogo de Torralva, arquitecto do claustro do Convento de Cristo em Tomar, que entrou em Portugal no reinado de D. Manuel e foi casado com a filha de Francisco de Arruda. A nacionalidade e formação dos Torralva permanecem incertas na historiografia portuguesa. À ideia de ascendência castelhana é somada a de nacionalidade italiana, atribuída por Sousa Viterbo. Sobre Gonçalo de Torralva sabe-se que foi designado pedreiro do mosteiro de Chelas, em 1562, e mestre-de-obras da Fortaleza de Atouguia, em 1572. VITERBO, Sousa – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa, 1988, Vol. 3, pp. 130 e ss.

37 *Apud* MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, pp. 84-85.

George Kubler diz não existir indicação clara de que não se tenha seguido o desenho de Torralva, admitindo no entanto a hipótese do primeiro traço ter sido dele. Deixa ainda a sugestão de uma autoria repartida, correspondendo o interior da Sé a Miguel de Arruda e o exterior a Torralva. Opinião idêntica tem António Rodrigues Mourinho que afirma que “o projecto da Catedral de Miranda do Douro é de Gonçalo de Torralva, embora revisto e aprovado por Miguel de Arruda.” KUBLER, George – *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*. Lisboa, 1988, p. 40; MOURINHO, António Rodrigues – *A Catedral de Miranda do Douro*, 1993, p. 11.

38 Cartas de privilégio datadas de 9 e 20 de Maio de 1560.

Catarina e fora capelão-mor e homem de total confiança do primeiro bispo mirandês – lembre-se que foi a ele que incumbiu a missão de entregar e explicar a D. João III o plano alternativo para a Sé.

Em Janeiro de 1560, D. Julião escreve ao cabido antes de entrar na diocese, mostrando descontentamento pela “traça e debuxo” da catedral e referindo serem necessárias algumas mudanças. Sem poder ir à cidade enquanto não chegassem as bulas, pede que lhe enviem debuxo e medidas do terreno até às muralhas, de modo a constatar onde deveria ficar o claustro e de que tamanho. Ordena que o mestre da obra se desloque a Lisboa para lhe falar do que estava feito e do que se havia de mudar, sendo que, enquanto isso, não se devia fazer mais obra que depois se tivesse de desfazer³⁹.

1560

Não se conhece se as alterações pretendidas foram implantadas ou em que consistiam mas, segundo Varela Gomes, o bispo vindo de Portalegre e Velásquez levaram para Miranda decisões de projecto “muito portuguesas” e de acordo com uma “leitura peculiar” da reforma tridentina que ainda decorria, estando patentes na fachada entre torres e no coro alto da obra⁴⁰.

Os trabalhos prosseguiram e, a 6 de Abril de 1566, o bispo D. António Pinheiro (em Miranda, 1564-1579) sagrou o altar-mor, pelo que se deduz que o templo estaria em condições de celebrar ofícios divinos. Em 1576, a igreja estaria bastante adiantada, mas a morte de Velásquez veio abrandar o ritmo senão mesmo interromper a obra, pois o registo posterior a esta data é o acórdão de 15 de Novembro de 1582, em que se decide derrubar a torre sineira de Santa Maria Maior de modo a aproveitar a pedra⁴¹.

1566

1582

Já no período filipino, e apesar das dificuldades financeiras sentidas⁴², as obras recuperam o fulgor, e há a possibilidade da catedral estar concluída em esqueleto e cobertura na última década do século XVI (1595?)⁴³. Documentadamente, em 1609, o bispo D. Diogo de

39 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, p. 87.

40 GOMES, Paulo Varela – *In Choro Clerum: o coro nas sés portuguesas dos séculos XV e XVI*, Porto, 2001. Sep. da revista Museu. - IV Série, nº 10, 2001.

41 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, p.88 e sgs.

No mesmo documento, D. Jerónimo de Meneses (em Miranda, 1579-1592) nomeia como mestre-de-obras Manuel Camelo, que não dando mostras de competência, levou o cabido a pedir ao bispo a sua substituição em reunião de 13 de Março de 1583 (e mais tarde a 15 de Dezembro de 1585). O cargo foi entregue a Gaspar da Fonseca, residente em Coimbra, por contrato a 29 de Janeiro de 1586, assumindo este a responsabilidade de terminar a obra (“fechar o casco e acabar o portal com o coro e seus remates”), estando obrigado à presença nela até à sua conclusão.

42 FERREIRA, Cismado Pires – *A Sé Catedral de Miranda do Douro*. Seminário de História da Arte em Portugal para a licenciatura em Ciências Históricas pela Universidade Portucalense, Porto, 1988, Vol. 1, p. 74.

43 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diocesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, p. 90.

No que se refere à cobertura é provável que as abóbadas tivessem sido revestidas em 1634. Pode-se apontar para meados do século XVII como data provável dos últimos trabalhos de acabamento da sé, que viria a sofrer nos anos de 1715 e 1716 importantes obras de restauro nas paredes, tectos e telhado.

Sousa (b. 1597-1610) envia um relatório ao Papa Paulo V afirmando estar a Sé bem construída e edificada, já com coro, torres com sinos e espaço de cemitério⁴⁴. Em 1610, faltavam executar retábulo do altar-mor, porta principal e lajeado do pátio. As duas primeiras obras, feitas na oficina de Gregório Fernandez, Valladolid, foram colocadas em 1614. O lajeado só por volta de 1620/21 estaria concluído.

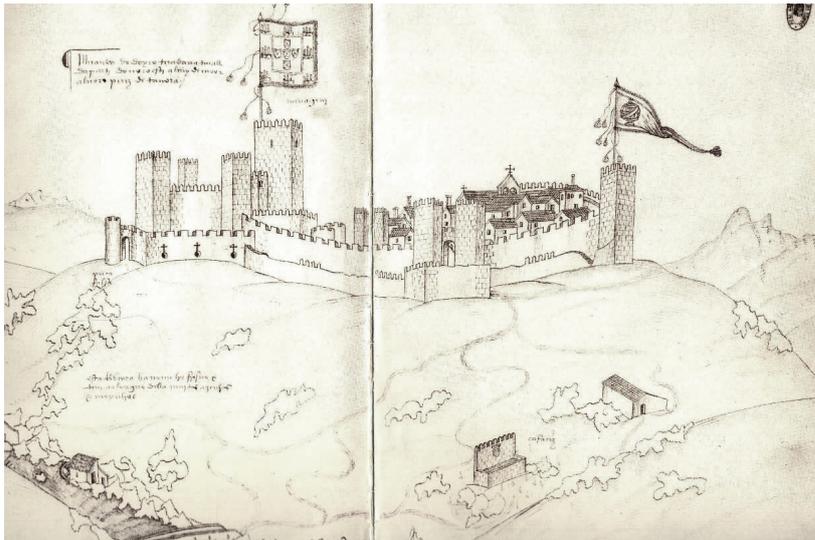
A planta/ imagem actual da catedral não corresponde no entanto ao projecto terminado na primeira metade do século XVII. Em 1736 ocorre a primeira alteração à obra, com a abertura do arco e construção da capela de S. José (que posteriormente veio a albergar o culto do Santíssimo Sacramento) do lado esquerdo do transepto. Entre 1759/1760, no bispado de Frei Aleixo de Miranda Henriques, esta capela viria a ser aumentada, abrindo-se janelas e portas para o cemitério e sacristia.

De maior impacto na volumetria exterior, a ampliação da capela-mor surgiu da necessidade de espaço para actos de culto específicos que envolviam todo o clero e da dificuldade de colocação do cadeiral. No dia 9 de Outubro de 1749, D. Diogo Mourato (b. 1739-1749) comunica a decisão de construir a nova capela-mor, que viu a sua primeira pedra colocada no dia 22 do mesmo mês. A ampliação fixava as medidas da capela em 42x31 palmos e estaria concluída e abençoada a 4 de Agosto de 1754.

No século XVIII, a história da cidade veio influenciar o destino da diocese. Em 1710, Miranda do Douro sofreu invasão espanhola no seguimento da guerra da sucessão, prolongando-se a ocupação até ao ano seguinte. Maior contratempo ocorreu a 8 de Maio de 1762 na designada guerra de Mirandum, em que a cidade sofreu cerco espanhol culminando na explosão do paiol que destruiu parte do castelo, muralhas e casario num grande incêndio. Após esta situação, gera-se um clima de insegurança e pobreza.

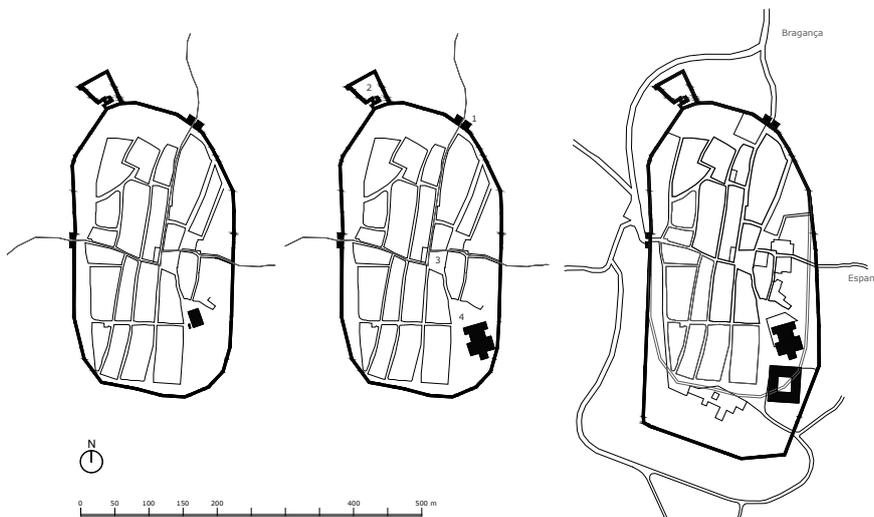
Perante a constante ameaça espanhola e o facto da urbe não ter atingido o desenvolvimento previsto pelos seus primeiros bispos, no final de 1764, Frei. Aleixo de Miranda Henriques (1758-1770) abandonou a Sé. Em 1780, a diocese mirandesa seria oficialmente extinta, passando Miranda a ser uma reitoria, com reitor e pároco, anexa ao bispado de Bragança (1770).

44 CASTRO, José de – *Bragança e Miranda*. Porto, 1946, Vol. 1, p.111.



4. Desenho do Castelo de Miranda, Duarte d'Armas, 1509.

É provável que a torre sineira registada no desenho, com dois vãos para sinos, corresponda à Igreja de Santa Maria e à localização do edifício que deu lugar anos mais tarde à catedral.

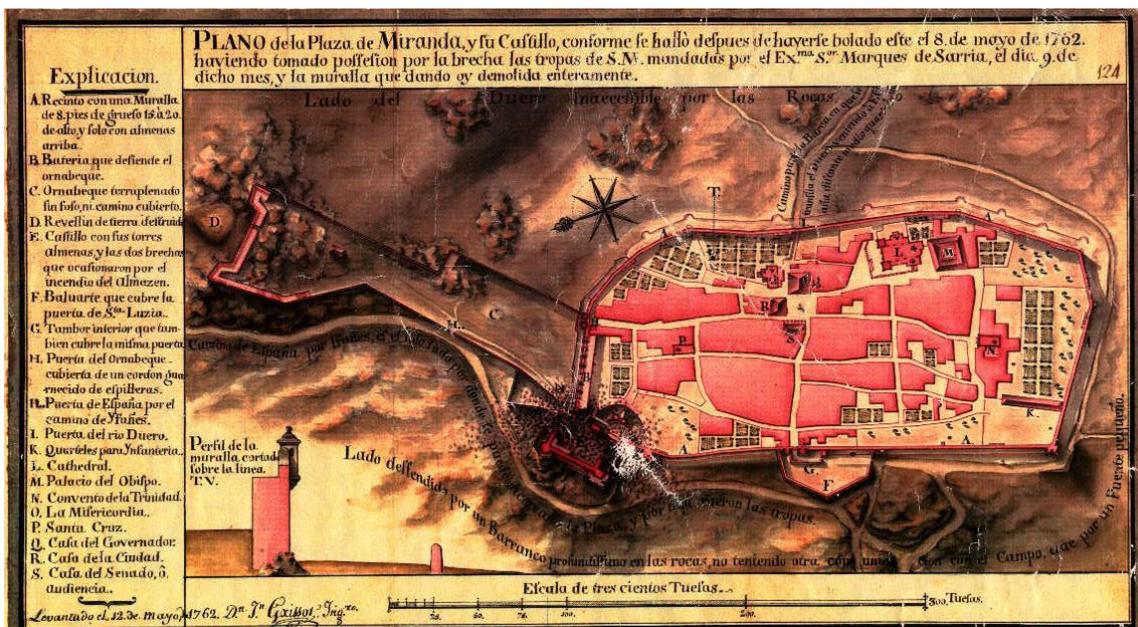


5. Esquemas evolutivos da malha urbana de Miranda do Douro, realizados segundo desenhos de Manuel Teixeira (da bibliografia). 5.a) Miranda no século XIV. Acrescentou-se ao desenho de Teixeira uma hipotética implantação da antiga igreja de Santa Maria do Castelo.

5.b) Miranda após a implantação da Sé, na segunda metade do século XVI

5.c) Miranda após a ampliação da muralha para sul (final do século XVI), e a construção do Paço episcopal (século XVII)

LEGENDA: 1- Porta da Cidade, a partir da qual nasce a rua direita; 2- Castelo; 3- Largo dos Paços do Concelho; 4- Terreiro da Sé



6. "Plano de la Plaza de Miranda y su Castillo, conforme se halló despues de haverse bolado este el 8 de mayo de 1762. haviendo tomado possession por la brecha las tropas de S.M. mandadas por el Ex.mo Sor Marques de Sarria, el dia 9 de dicho mes, y la muralla que dando oy demolida enteramente." 12 de Maio de 1762.

1.2 - ARQUITECTURA

Implantação Urbana

Uma obra de escala episcopal assume necessariamente um papel de relevo na malha urbana. No caso de Miranda do Douro, povoação relativamente pequena e acabada de se tornar cidade, esta obra assume ainda maior importância, destacando-se dos demais edifícios quer pela sua austeridade e escala, quer pela posição privilegiada que ocupa.

A Sé localiza-se na zona mais alta dentro das muralhas e é ponto de referência da urbe. Com a capela-mor orientada a sul, a fachada principal volta-se para as portas da cidade, fazendo frente ao largo da Sé. Actualmente a catedral está rodeada a oeste por um antigo convento, no local onde possivelmente estaria instalado o antigo seminário, e atrás da cabeceira pelas ruínas do antigo Paço Episcopal, tendo a muralha por fronteira a nascente.

No que respeita à morfologia de Miranda do Douro, no século XIV, o largo dos Paços do Concelho, nobre por excelência, era o espaço central da vila⁴⁵, apresentando-se no seguimento da rua direita e da porta norte. Neste largo convergiam as ruas de três direcções/portas distintas: a de Bragança, de Mogadouro e de Espanha. A localização escolhida no século XVI para a catedral veio adicionar um novo espaço a esta dinâmica.

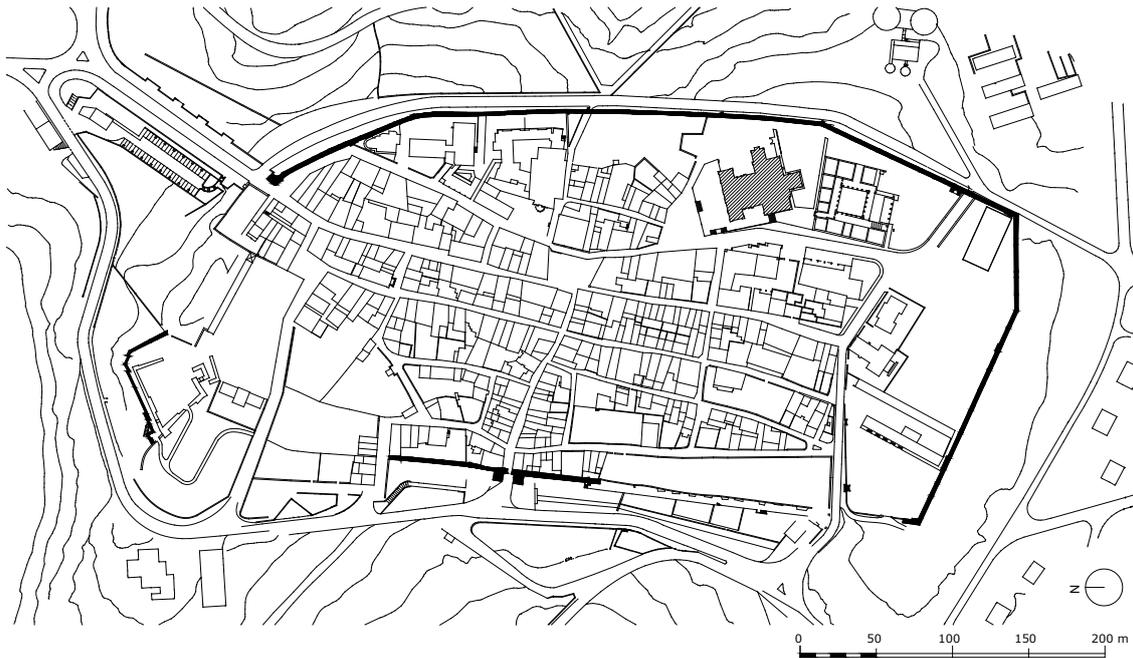
O edifício catedralício ocupou o lugar daquela que foi a primeira paroquial de Miranda: a igreja de Santa Maria Maior. Não existem certezas da localização exacta do antigo templo gótico, mas terá permitido o avanço das obras da nova Sé sem a sua demolição total.

Denota-se a preocupação na escolha do sítio em reservar um largo amplo e digno, constatada também na carta de 15 de Dezembro de 1547, em que D. Turíbio Lopes apela ao rei para que “seja serujdo mandar que esta obra se asente de maneyra que a capela mor fique casy ao sul como Torralua dyra: porque sendo asy fica ho terreiro grade, despejado e muy grandioso como elle he e as portas e frontera e magestade da obra: a vysta do dito terreyro e a vysta do principal da cibdade e da parte por donde comunmente vay a gente toda a ygreja e asy os extrangeros que aquy vem, por que todos acudem a praça e da praça a ygreja que he o camynho dereyto por o terreiro e frõteria della”⁴⁶.

Ao ocupar o largo da matriz, a Sé tornou-se o remate focal da rua que parte do largo

45 Miranda do Douro foi elevada a vila através da carta de foral de 1286, concedida por D. Dinis, que mandou construir o castelo e a muralha medieval. A povoação era uma importante praça-forte de defesa contra Castela e foi-se desenvolvendo cada vez mais com grande expansão de relações comerciais no reinado de D. Manuel I, que ordenou a renovação do seu castelo.

46 VITERBO, Sousa - *Op. cit.*, Vol.3, p. 134.



7. Planta actual do centro histórico de Miranda do Douro, com a Sé e as ruínas do Paço Episcopal (GTL Miranda)



8. Vista desde o Rio Douro sobre o planalto mirandês. A única coisa que se distingue à distância é mesmo a volumetria da Sé com as suas torres.



9. Catedral mirandesa



10. Vista aérea do complexo diocesano: Sé, o seu largo e as ruínas do claustro do Paço episcopal por trás da cabeceira da igreja.

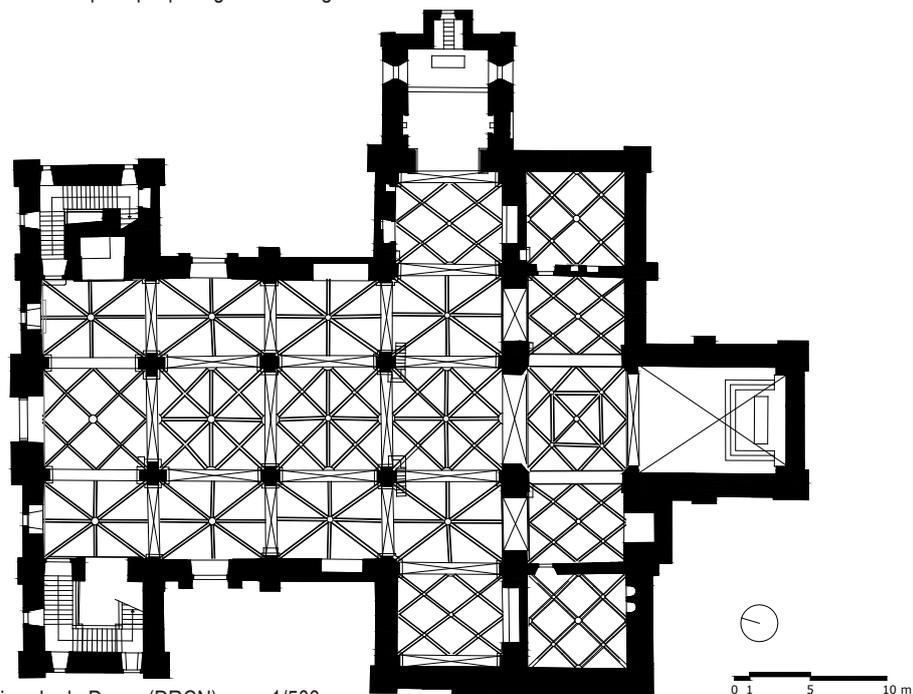


11. Vista aérea da relação entre a Praça do Município e o largo da Sé.

dos Paços do Concelho, desviando a partir daí o eixo do chamado “camynho dereyto” vindo da porta norte.

Para além da importância espacial, a nova catedral assumiu também um valor simbólico, na medida em que correspondia ao intuito de destacar o papel da religião como força protectora dos habitantes, cativando os fiéis.

12. (na página seguinte) "PLANTA TOPOGRAFICA DA PRAÇA DE MIRANDA, Mostrando a suas Ruinas, os Projectos, e Avaliação para de novo se Restabelecer; Notando também o melhor Lugar, e Projecto para formar se hum Quartel para um Regimento de Infantaria. Tudo feito por Ordem de SUA Magestade Pelo Sargento Mor de Infantaria, com Exercício de Engenheiro JOZE CHAMPALIMAUD DE NUSSANE, Em Março de 1780", José Champalimaud de Nussane, 1780. (3108-2-21-30 - GEAEM/ DIE)
Curiosamente, nos vários planos antigos consultados, a forma da Sé é sempre diferente, o que levanta dúvidas quanto ao rigor dos registos, já que pareec improvável que a mesma catedral tenha passado por tantas volumetrias.



13. Planta da Sé de Miranda do Douro (DRCN), esc. 1/500



14. Nave central da igreja



15. Capela-mor, englobando o tramo do cadeiral, aberto para as capelas colaterais, e o compartimento acrescentado no século XVIII, entre 1749 e 1754



16. Cobertura dos tramos da capela-mor



17. Nave lateral do lado do evangelho, vista da colateral para o coro alto



18. Abóbada dos tramos centrais do corpo da igreja

Planta e espaço interior

A Sé de Miranda do Douro apresenta-se como um sumptuoso templo que marcou a arquitectura da região à época: produto de um longo estaleiro influenciado pelas circunstâncias geográficas, despoletou a construção de edifícios religiosos na província. A análise dos seus elementos constituintes na actualidade pode ajudar a intuir as características primitivas e os factos que lhe moldaram a composição.

A planta da catedral desenvolve-se em cruz latina e integra um corpo de três naves à mesma altura segmentado em três tramos transversais até ao transepto saliente. Entre naves, definem-se duas séries de três pilares de secção cruciforme, às quais se assemelham as pilastras que pontuam pelo interior as paredes laterais.

A cabeceira é composta pela profunda capela-mor setecentista, capelas colaterais e dois compartimentos fechados adjacentes, com a mesma linha horizontal de fundo, que funcionam hoje como sacristias e espaço museológico e que, segundo Mourinho, pertencem à primitiva planta da cabeceira do templo⁴⁷. Pela semelhança de dimensões, estas capelas criam em planta uma duplicação do transepto que não acontece no espaço devido ao carácter encerrado dos compartimentos, sendo que no exterior também apresentam diferente volumetria. As profundas capelas laterais da cabeceira comunicam com a central, existindo arcos formeiros que nascem de mísulas nos ângulos formados pelas paredes, a três quartos da altura.

A cobertura da Sé é composta por um sistema abobadado sustentado nos pilares e paredes, irradiando dos capitéis nervuras que assumem diferentes desenhos conforme o espaço que cobrem. Na nave central, os tramos até ao arco triunfal apresentam um invólucro duplo e são definidos por arcos torais e formeiros (ambos elementos com a mesma largura das pilastras) e arcos cruzeiros e liernes de menor secção, que formam proporções “biquadradas”, dividindo a abóbada em 16 panos. Nos tramos dos braços do transepto, capelas colaterais e compartimentos adjacentes a estas, e na abóbada de suporte do coro alto, verifica-se uma simplificação do desenho pela ausência de liernes. Nos tramos das naves laterais as nervuras definem uma estrutura octopartida. As abóbadas são fechadas em florões, havendo também neste caso diferentes formas. A capela-mor tardia e a capela anexa ao transepto a nascente, apresentam abóbada de berço.

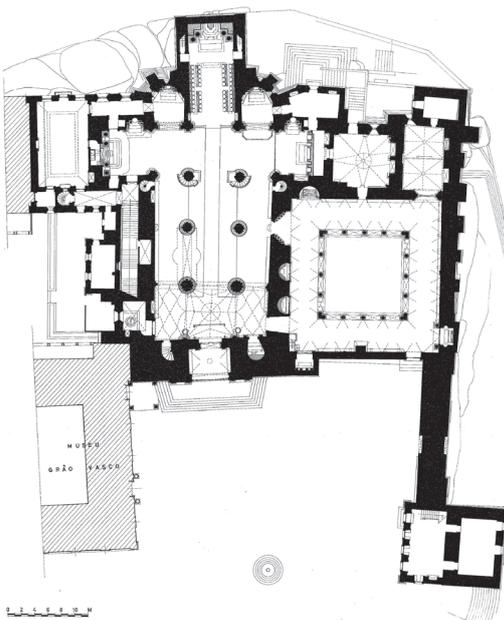
47 MOURINHO, António Rodrigues – *La arquitectura religiosa en la antigua Diócesis de Miranda do Douro de 1545-1800*. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Valladolid, [1994], Vol. 1, p. 95.



19. Janela alta do transepto, lado da epístola.
As restantes janelas da igreja são semelhantes, mas de menores dimensões. Quando comparadas com as aberturas da Sé de Leiria, as janelas do caso mirandês são bastante mais pequenas.



20. Coro alto sobre a entrada



21. Planta da Sé de Viseu (IHRU)



22. Gravura da Sé de Viseu, Leotte

A iluminação é feita através das janelas das paredes laterais, da fachada e do transepto⁴⁸. Existem também janelas nas diferentes capelas da cabeceira, cuja configuração e assimetria em relação ao eixo da igreja colocam à vista graves erros nos trabalhos.

Não obstante o grande número de aberturas, mesmo que de menores dimensões, o corpo das naves no interior parece mais escuro e carregado que o das outras sés joaninas, possivelmente devido ao peso das estruturas graníticas que se reflecte no coro alto, suportes e abóbada, e ao menor achatamento da abóbada que gera maior descontinuidade e zonas de sombra na cobertura. Esta situação contrasta com a forte iluminação conseguida na capela-mor, por meio de altas janelas, que fixa de imediato o olhar do observador, criando a referência necessária ao curto espaço interior.

Sobre a entrada, abrangendo os três tramos, foi construído o coro alto, cujo acesso é feito a partir de duas portas no nártex que dão para o interior das torres, seguindo as escadarias até ao telhado.

Referindo-se à Sé de Miranda do Douro, Severim Faria (1583-1665) escreve que “he feita ia a moderna sem os frontispicios de obra dórica cõ duas torres de sinos nos cantos de fremosa architectura. O templo por dentro he dorico de tres naues e naõ está de todo acabado por ter alguns erros intoleraveis, como foi o do coro de sima que por ficar muito iunto da abobeda se naõ pode servir delle.”⁴⁹

Para além de mencionar o facto do tempo estar incompleto, o relato do erro no coro alto permite a hipótese deste não estar previsto no projecto primitivo e ter sido introduzido sem grande estudo na sequência da obra, provavelmente com a vinda do bispo D. Julião d’Alva (1560), que se mostrara descontente com a traça.

Os elementos constituintes do espaço interior da catedral são bastante depurados e a decoração possível encontra-se essencialmente nos retábulos renascentistas – maneiristas e barrocos, colocados em arcos que se abrem aos pés da igreja, pelas paredes laterais e nos braços do transepto, criando um percurso de culto bastante rico pela variedade estilística que comporta.

A planta isolada da Sé mirandesa apresenta semelhanças com a da Sé de Viseu: o mesmo número de tramos, presença de coro alto sobre a entrada (embora em Viseu tenha sido construído aquando da reforma manuelina), capela-mor em forma de túnel, e torres na fachada, no seguimento das naves laterais.

Em relação às Sés clássicas, acentua-se a diminuição do corpo das igrejas assumindo

48 Do lado do Evangelho, aquando da construção da capela de S. José, a janela do transepto terá sido substituída pelo óculo actual.

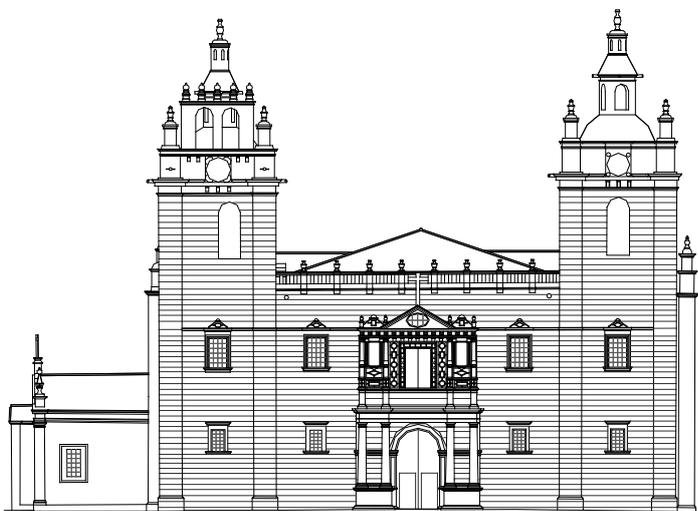
49 SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Viagens em Portugal de Manuel Severim de Faria: 1604-1609-1625*. Lisboa, 1974, p. 118.



23. Corte longitudinal pela nave central da Sé de Miranda do Douro (esc. 1/500)



24. Fachada da Sé de Miranda



25. Levantamento da fachada mirandesa (esc. 1/500)



26. Portal de S. Gonçalo de Amarante

um espaço menos longitudinal e mais contínuo, oposto portanto ao da catedral de Évora, obra mencionada por D. Turíbio Lopes aquando do projecto.

Espaço exterior

Dos aspectos exteriores da catedral de Miranda do Douro sobressai a monumental fachada de aspecto sólido, austero e frio, características que se devem em grande parte à sua constituição total em pedra granítica lavrada. O alçado principal, orientado a noroeste e visível a grandes distâncias, torna-se na imagem/foco principal da cidade, demarcando-se da paisagem quer pela sua escala quer pela sua materialidade.

A fachada é formada por um volume principal enquadrado entre torres e apresenta-se num plano único, contrariamente ao que se passa na fachada de Portalegre. A parte central é de menor altura e inclui o pórtico, dois níveis de janelas de verga recta (servindo piso de entrada e coro alto), e remate superior horizontal através de balaustrada. As janelas do segundo nível do plano da fachada (englobando também as torres) têm um desenho mais elaborado, apresentando arcos esculpido em forma de gola com cartelas sobre os dintéis.

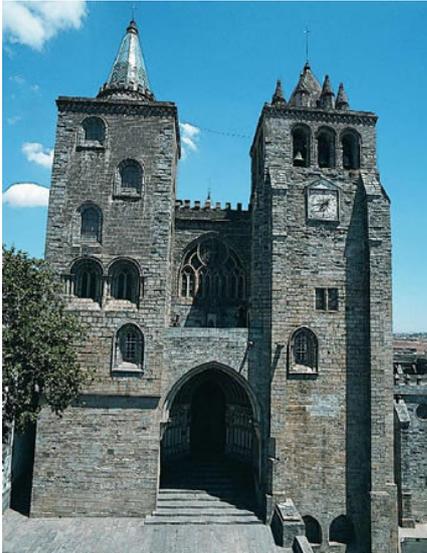
Em oposição às Sés de Leiria e Portalegre, a de Miranda tem um único portal a fazer a marcação da entrada, desenvolvendo-se uma espécie de fachada-retábulo em dois pisos e três ruas. Esta estrutura apresenta afinidades com a do portal da Igreja de São Gonçalo de Amarante (finais do século XVI), embora esta seja mais complexa, desenvolvendo-se em três níveis.⁵⁰

O portal tardio mirandês revela uma configuração bastante erudita. De arco pleno, sobrepujado por janelão com moldura em motivos geométricos, é ladeado por pares de colunas nos dois pisos e rematado por um frontão triangular clássico⁵¹. O frontão triangular assenta sobre o entablamento superior, apresenta inscrito um óculo oval e está encimado por uma cruz de galhos adossada à parede.

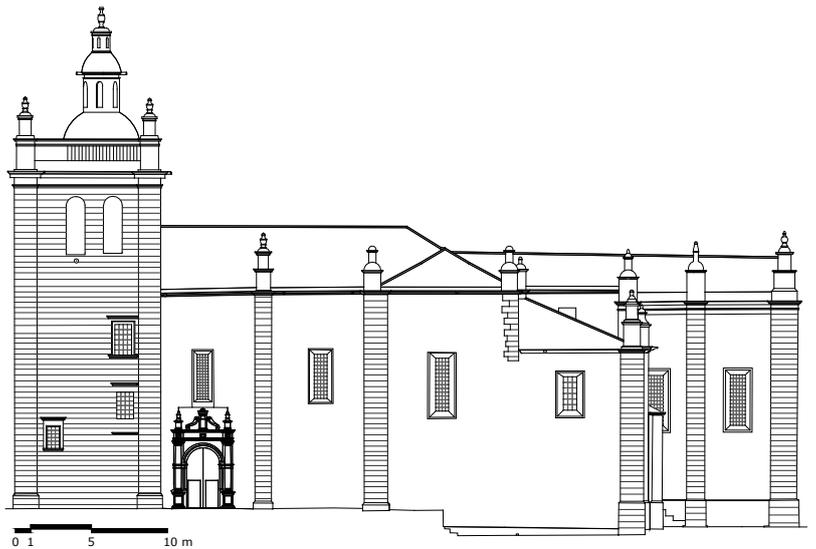
De grande presença, as rectangulares torres sineiras acentuam a verticalidade do edifício e remetem para a imagem medieval das catedrais, em continuidade com a tradição nacional, mas apresentam uma posição relativa diferente: não se encontram no seguimento das naves laterais, como acontece nos casos de Évora (imagem 27) ou Lisboa. Têm planta

50 D. João III, em 1540, funda o convento dominicano de S. Gonçalo de Amarante, obra que só estaria concluída 40 anos depois e da qual se destaca a estrutura retabular do portal lateral da igreja. Pórticos do género são construídos no terceiro quartel do século XVI, no norte, destacando-se ainda S. Domingos de Viana, onde trabalhou Mateus Lopes. Informações disponíveis na página do IHRU, em WWW: <URL : <http://www.monumentos.pt> >.

51 No piso inferior, as colunas são toscanas e relacionam-se com o solo através de pedestais, servindo ainda de suporte ao entablamento. No registo superior, as colunas são paparifórmes, existindo um nicho entre cada par e elementos geométricos de característica serliana nos pedestais e espaço inferior às mísulas.



27. Fachada da Sé de Évora



28. Alçado poente da Sé. (esc. 1/500)



29. Alçado nascente da Sé de Miranda



30. Alçado poente da Sé de Miranda



31. Saliência da cabeceira mirandesa.

As capelas da cabeceira são diferenciadas do transepto pela menor altura que possuem. O facto de não haver definição de pilastra ou contraforte a toda a altura entre o volume de transepto e o da capela da cabeceira reforça a ideia de que os compartimentos anexos não terão sido acrescentos, mas que existiram desde o início.

ligeiramente mais estreita que os tramos quadrados dos braços do transepto ou da nave principal e assumem-se destacadas do corpo, no alinhamento da entrada.

Articuladas por robustos cunhais, as torres têm a sua verticalidade segmentada em três partes⁵², agregadas no interior pela escadaria que interliga os espaços da entrada da igreja, coro alto e compartimentos dos sinos. A iluminação é feita por janelas ao longo da escadaria de acesso, nas várias faces do volume verticais.

A grande dimensão das torres só vem aumentar o grau de estranheza em relação à novidade do seu alinhamento. Paulo Varela Gomes levanta a possibilidade do projecto original da catedral englobar cinco naves, ou três naves e grandes capelas laterais ao longo do corpo, o que viria explicar não só a dimensão das torres como também a saliência em relação ao corpo da igreja, em planta e alçado lateral.⁵³

Os alçados laterais, a nascente e poente, encontram-se rebocados contrariamente à fachada, e possuem pequenos portais de cariz clássico coevos à fundação, em arco de volta perfeita e com colunas laterais. A nascente sobressai o volume da Capela do Santíssimo, destruindo a simetria.

Aproximando-se da definição dos alçados leirienses, robustos contrafortes apilastrados em granito aparelhado, dispostos a toda a altura, intercalam as janelas de vãos rectangulares e quebram a brancura das paredes laterais. Acima da linha do telhado, os remates dos cunhais e pilastras variam, coroando de distintas formas consoante o pedestal e espaço a que correspondem.

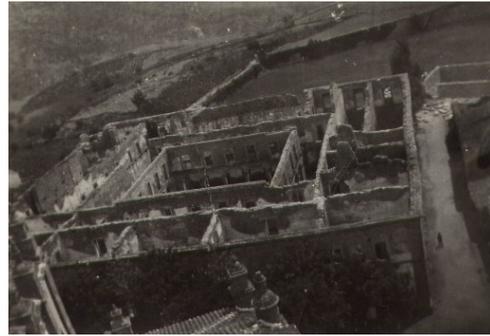
A expressão monumental da fachada encontra a sua projecção no amplo adro lajeado em que foi implantado o templo e que limita o espaço exterior envolvente. O patamar ligeiramente mais elevado é definido na sua extensão através de uma balaustrada barroca interrompida por escadas de acesso (quase) a eixo da fachada principal, havendo também duas escadarias secundárias a poente, nas extremidades do recinto.

52 Por cima da cornija que suporta o compartimento dos relógios, pedestais e coruchéus, ambas as torres são cobertas por pequenas cúpulas de esbelto lanternim, mas apresentam entre si diferenças nos últimos remates, já que a oriente foi construído uma diminuta torre com duas aberturas, cuja forma remete para a da antiga igreja de Santa Maria. A norte, verificam-se ainda pequenas assimetrias na posição dos vãos dos compartimentos sineiros, talvez devidas a motivos sonoros.

53 GOMES, Paulo Varela – *Arquitectura desornamentada no século XVI: as novas sés*. Texto gentilmente cedido pelo autor, não publicado até à data.



32. Antigo Paço episcopal e sé no princípio do século XX



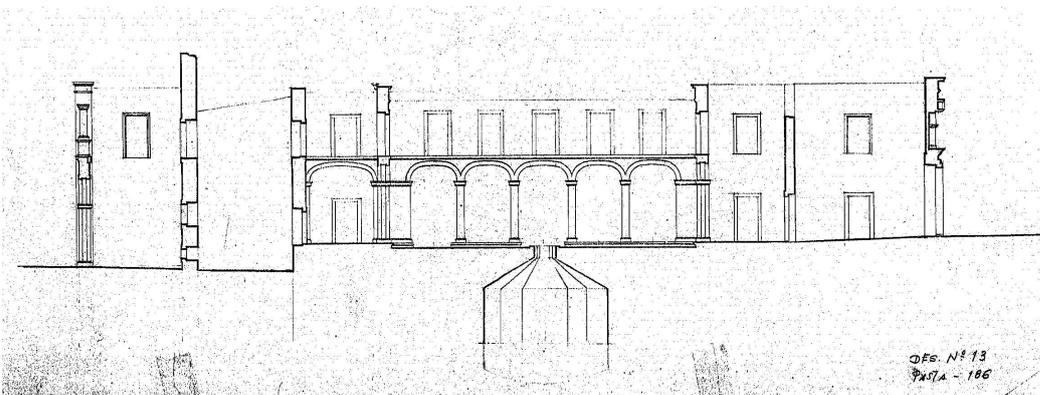
33. Vista aérea do antigo edifício da residência dos bispos, no princípio do século XX



34. Interior do claustro do antigo Paço episcopal



35. Vista actual do interior do antigo claustro do Paço episcopal



36. Levantamento das ruínas do antigo Paço episcopal de Miranda do Douro (IHRU)

Paço episcopal

O Paço episcopal foi mandado construir no princípio do século XVII, por trás da cabeceira. Com o decorrer de obras na cidade – quer da Sé, quer de novos edifícios – constatou-se que não havia espaço dentro da muralha original para implantar a residência do bispo, o que originou o alargamento do perímetro para sul, em finais do século XVI.

Numa interpretação das implantações dos dois edifícios religiosos, Paulo Varela Gomes supõe que o projecto tenha previsto uma ligação directa entre ambos⁵⁴. A margem de terreno desocupada foi aproveitada para ampliar a capela-mor no século XVIII.

O claustro barroco do Paço, de autoria desconhecida, situa-se a sudoeste da cabeceira, enviesado relativamente ao eixo da Sé e separado por alguns metros. Ganhou importância ao substituir o claustro próprio da Sé que, ao contrário do que aconteceu em Leiria e Portalegre, nunca chegou a ser construído. Houve contudo a intenção de o construir, demonstrada na carta de D. Julião d’Alva ao cabido de Miranda (4 de Janeiro de 1560), logo após ter sido nomeado bispo da diocese, em que referia a necessidade de ver os desenhos para decidir onde e de que tamanho fazer a crastra⁵⁵.

A ser projectado um claustro da catedral, este dificilmente poderia desenvolver-se de modo idêntico ao da Sé de Portalegre, lateralmente ao corpo principal, dada a proximidade da muralha. Uma localização por trás da cabeceira, como nos complexos de Leiria e Lisboa, seria mais viável.

Enquanto que a ideia de claustro esteve nas intenções episcopais, a criação do Paço residencial parece ter sido ignorada ao início, já que os bispos mirandeses, durante os primeiros tempos, passavam longas temporadas afastados da diocese, comandando os seus destinos à distância e refutando, de certo modo, a obrigação de residência dos prelados, instituída após Trento.

Nas palavras de Luís Alexandre Rodrigues “os prelados faziam o acompanhamento da obra [da catedral de Miranda] à distância. Por outro lado, a qualidade que costumavam ostentar de membro do Conselho de Sua Magestade era justificação para se manterem por largas temporadas afastados da sede diocesana. Por isso, a existência em Miranda do Paço episcopal era uma realidade perfeitamente acessória na medida em que as curtas estadas não justificavam a compra ou construção da residência adequada aquela finalidade”⁵⁶.

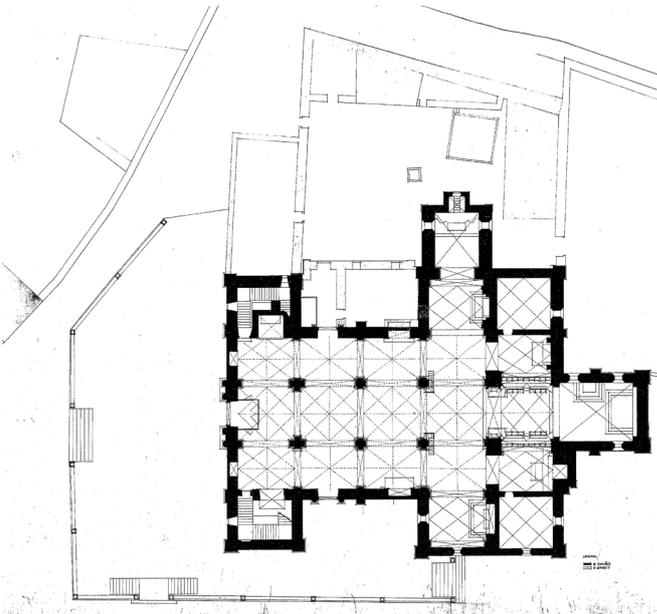
54 *Ibidem*.

55 RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, Vol. 1, p. 347.

56 *Ibidem*, p.351.



37. "Sé de Miranda do Douro, segundo um desenho do Sr. Freire Pimentel".
É possível ver ainda o muro que unia a fachada da sé à muralha, delimitando o antigo cemitério, e ao fundo o Paço episcopal em ruína.



38. Levantamento da catedral com os antigos anexos destruídos em meados do século XX (IHRU).
Apesar das dimensões apertadas, quase que parece ter havido intenção de configurar um claustro entre o monumento e a muralha, visto que os anexos, muros e perímetro da igreja organizavam um pátio central. Para mais, as localizações de sepulturas/cemitérios surgem frequentemente associadas a claustros.
De qualquer modo, seria mais viável a edificação de um claustro a sul da cabeceira, uma vez que o espaço intra-muros tinha sido aumentado para esse lado e a princípio não estava prevista a construção do Paço episcopal.



39. Fotografia antiga do lado nascente da Sé, ainda antes de serem completamente demolidos os anexos e a sacristia a que se acedia pelo portal lateral.

Quando necessário, o alojamento far-se-ia num edifício da fábrica da Sé, ou da cidade, que se mostrasse mais apropriado. Só em meados do século XVII se decidiu pela construção dos paços próprios, em virtude de despesas de conservação que outros edifícios sujeitavam o cabido e, possivelmente, também do sentimento de abandono prejudicial à religiosidade. Contudo, por volta de 1706⁵⁷, um incêndio deixou o edifício do Paço em ruínas, conservando-se actualmente apenas o piso térreo do claustro, convertido em jardim.

Sobre o conjunto religioso, note-se ainda que o antigo cemitério, já existente em 1609, situava-se entre a catedral e a muralha, sendo visível em fotografias e gravuras antigas um muro que o delimitaria pelo lado esquerdo da fachada catedralícia. Perto dos anos 50 do século XX, muro e cemitério foram arrasados juntamente com os anexos criados no alçado nascente, que incluíam a antiga sacristia. Assim, actualmente o monumento apresenta o seu perímetro liberto.

57 *Guia de Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, Vol. 5, p. 1001.